O TRABALHO PEDAGÓGICO E A ADOLESCÊNCIA

TALITA ZANATTA ALVES

RESUMO

O presente artigo problematiza a relação entre o trabalho pedagógico e o estudante adolescente. Para tanto analisou-se a partir dos estudos da psicologia da educação algumas atividades feitas com estudantes adolescentes no Ensino Fundamental II. Muitas vezes, o adolescente é visto pelos adultos, seja seus professores ou familiares, de maneira superficial e estereotipada. Além disso, essa faixa etária comumente não se sente representada, tampouco vista pela instituição escolar, o que acarreta, em alguns casos, indisciplina e desinteresse, de modo que tais sujeitos passam a ser vistos como estudantes problema. Neste artigo, no entanto, problematiza-se essa visão ao tentar incorporar o modo como o adolescente vê a si mesmo e vê a escola, no intuito de buscar alternativas que construam um sentido significado para seu processo formativo na educação formal. Para tal análise utilizou-se os estudos de Adorno e Horkheimer, em Dialética do Esclarecimento, sobre a Indústria Cultural, pensando em como a cultural pop e virtual transformam a escola em lugar pouco atrativo. Ademais, tal trabalho baseou-se nos estudos de Freud, mais precisamente em seu texto A dissecção da personalidade psíquica, para refletir sobre a influência da escola na formação do superego destes sujeitos na adolescência.

Palavras-chave: Adolescência; Educação; Pedagogia; Psicologia.

INTRODUÇÃO

Nos princípios da escola constam o respeito aos direitos humanos e exclusão de qualquer tipo de discriminação, nas relações interpessoais, públicas e privadas; igualdade de direitos, de forma a garantir a equidade em todos os níveis; participação como elemento fundamental à democracia; corresponsabilidade pela vida social como compromisso individual e coletivo, posicionamento em relação às questões sociais e visão da tarefa educativa como intervenção intencional no presente; tratamento de valores como conceitos reais, inseridos no contexto do cotidiano; inclusão dessas perspectivas no ensino dos diversos conteúdos escolares.

A coordenação da escola nos informou que a mesma buscar atuar um como referencial social entre os alunos (escolha e convivência com os amigos/familiares), e por esse motivo procura desenvolver neles os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum. A escola também tenta promover nos alunos os princípios dos direitos e deveres da cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Nos documentos oficiais da Escola, aparece que os pais, em sua grande maioria, participam da vida escolar dos filhos. Frequentam reuniões de pais e eventos como festas e projetos abertos à comunidade. Quase todos vêm à escola quando são chamados em situações extraordinárias, e alguns costumam procurar a escola independente de terem sido convocados, para conversar com a Direção, Coordenação e professores, para saber como estão seus filhos no ambiente escolar. Os pais demonstram certa reticência com relação à participação no Conselho de Escola e no Conselho da A.P.M., pois muitos trabalham e encontram dificuldade em participar das reuniões. Mesmo assim, todos os anos, alguns pais se voluntariam para participar desses colegiados.

Tanto a manutenção dos cartazes, como as duas entrevistas aconteceram nas aulas de História da professora M., a qual desde o início mostrou-se muito interessada no projeto, ora cedendo o horário de sua aula, ora conversando conosco sobre seus alunos e algumas dificuldades enfrentadas. Muitos destes aspectos que aparecem nos documentos oficiais da escola são esquecidos pela coordenação pedagógica, cabendo a cada professor individualmente levá-los em conta ou não. A professora M. junto com alguns outros professores tenta promover outros espaços de aprendizagem que não se restrinja somente a sala de aula, como pode-se constatar com as atividades extra-curriculares ocorridas na semana da Consciência Negra e com o projeto “Deixa o cabelo da menina no mundo” exposto no corredor da escola, que buscou através de fotos de cabelos cacheados e crespos de alunas da escola, discutir os padrões de beleza, ainda fincados no modelo cabelo liso e loiro, promovendo assim discussões sobre autodeclaração, empoderamento das meninas negras, começando por seus cabelos.

DESENVOLVIMENTO

ATIVIDADE EM SALA: ELABORAÇÃO DOS CARTAZES

O projeto foi desenvolvido, a partir da questão: “O que é ser adolescente hoje, dentro e fora da escola?” O trabalho foi desenvolvido ao longo de duas aulas. Os adolescentes se dividiram em 6 grupos, foram formados 4 grupos compostos por meninas,

1 composto por meninos, e um grupo misto (3 meninas e 1 menino), sendo que um menino, optou por realizar o trabalho sozinho.

A produção dos alunos foi, de certa maneira, equilibrada entre recortes, desenhos e expressão verbal, sendo esta última composta tanto por frases que eles criaram, quanto hashtags (forma de marcação de postagens em diversas redes sociais, mas que se converte em forma de comunicação) quanto letras de músicas, seja de composição própria, quanto de outros, mas também abundam referências à celebridades norte americanas.

A primeira impressão ao entrar na sala de aula é um contraste de relações, primeira aquela da diretoria com os alunos e depois a da professora com os alunos. Na primeira, a rigidez com a qual os alunos são tratados, de certa maneira, congela uma posição hierárquica e burocrática, enquanto com o professor existe uma relação mais tênue de proximidade a uma autoridade, isto pode ser exemplificado quando, ao fim da atividade, todos os grupos fizeram questão de mostrar os cartazes e ouvir a opinião da professora sobre eles.

Durante a produção do cartaz, os alunos discutiram quais elementos deveriam ou não aparecer, como nomes de mangá, de seriados, filmes norte-americanos e nomes de jogos e consoles, discussão que provocou que um dos membros do grupo se separasse ao fim do trabalho, fora isso eles desenharam três cenas que afirmaram retratar seu cotidiano: Uma pista de skate, com um poste do Macdonald´s ao fundo; uma quadra de futebol, com vários alunos jogando e uma figura em uma casa, ao que aparenta, jogando videogame, como nos foi relatado por eles mesmos.

A diferença principal entre este cartaz e os demais está nas cores e nas figuras, uma vez que as meninas da sala, em todos os grupos, compuseram usando muitos recortes e canetinhas, inclusive algumas desenharam. Independentemente disso, os ícones culturais norte-americanos, e uma espécie de "cultura da internet", aparecem em todos os cartazes, com exceção daquele produzido pelo aluno sozinho. Mesmo que sem buscarmos muita base teórica para compreender o que estes jovens consomem, em termos de produção cultural online, existe uma cultura que é muito centrada nos gostos e na indústria cultural, com um grande diferencial, quem produz conteúdo na internet são os próprios jovens, seja por canais no Youtube, blogs ou mesmo comentário, a internet permite maior liberdade de produção e transmissão.

Um dos grupos femininos produziu um cartaz de nome "Como ser adolescente", as alunas utilizaram-se de recortes em associação com frases escritas por elas mesmas, á lápis. Todos os recortes e frases associados a escola são de caráter negativo, imagens de "demônios", totens, figuras nervosas, enquanto imagens de modelos em poses tranquilas e descontraídas, são associadas com estar fora da escola. Uma charge que destacamos retrata uma criança aos berros e duas mulheres adultas a ignorando, a frase ao lado chama atenção para a incompreensão da criança quando chora, e dos pais que a ignoram ('A menina chorando é como se fosse um adolescente não entendido pelos seus pais, e seus pais como não sabem o que fazer fingem que nada acontece').

O grupo de 3 alunos que tinha um menino e duas meninas, também produziu um cartaz intitulado "como ser adolescente", mas aqui existe uma eminente tensão entre os já ditos elementos de cultura norte-americana e a religião, os primeiros aparecem nos recortes de cenas de filmes, referências a nomes de seriados, e youtubers (considerados celebridades de internet, são donos de canais do youtube que discutem os mais diversos temas), em contraste aparecem duas frases grande e com bastante destaque: "Amar a Deus sobre todas as coisas" e "Deus é maior", digno de nota é que logo abaixo desta última, o garoto do grupo deixou claro que ele escreveu, em rosa, 'Um dia quero ir na balada", ele foi o que mais se mostrou aberto a conversar e contar sobre seus interesses e o que gostava de fazer, enquanto as meninas ficaram mais constrangidas. De acordo com os membros do grupo, eles estavam em concordância em relação a tudo que colocaram ali.

A comparação entre vida dentro e fora da escola volta a aparecer, de forma semelhante, em outro cartaz de um grupo feminino, no qual elas associavam a escola a uma comida "estranha", enquanto a comida de casa é um brigadeiro, ou a cena que retrata a escola é uma mãe puxando uma garota a força, em uma situação trágica, enquanto a cena fora da escola é uma cantora pop em uma cena de show com glamour e luxo. Com exceção disso, elas trouxeram nomes de filmes que afirmaram gostar muito e nomes de cantores de rap e hip hop americanos, algumas letras deles e também o skate reaparece, com a palavra vida escrita ao lado.

Adorno e Horkheimer, em Dialética do Esclarecimento, apresentam a indústria cultural como responsável em tentar promover a identidade entre o particular e o universal, a integração do indivíduo na realidade, a função mimética da indústria cultural e a promessa de uma felicidade que nunca chega a acontecer de fato. Nesse contexto, a indústria cultural promete o prazer, o divertimento, todos como uma maneira de se chegar à sublimação, a qual nunca ocorre, pois o que ela faz é exibir algo, enquanto mostra também sua impossibilidade em ser alcançado. Segundo a psicanálise, a sublimação seria uma maneira de desviar a vida pulsional para um objetivo distinto da satis-

fação sexual. No caso da indústria cultural, porém, não há como sublimar um impulso que já está reprimido por uma constante renúncia experimentada pelo sujeito.

Além disso, a indústria cultural tem como característica a mimese como um modo de repetição e imitação da vida, por essa razão, seus produtos, como por exemplo, os filmes, que são espaços nos quais se propaga a vida do indivíduo, de modo que ele possa se identificar, muito embora, com o auxílio do princípio da realidade, ele perceba não poderá ocupá-los. Com isso, o indivíduo é levado a ajustar-se à realidade, pois seu bom senso revela que não vale a pena se esforçar para entrar neste universo apresentado, cabendo a satisfação de poder participar dele à distância, somente em seu imaginário. Nota-se com isso que a unidade prometida pela indústria cultural se efetiva tão falsamente que se transformou em verdade. Estas nuances e a presença constante da indústria cultura na formação desses sujeitos esteve presente em toda a confecção de cartazes, comprovando o quanto da identidade de cada aluno está atravessada pelos elementos da cultura de massa.

ENTREVISTAS

Aluno 1

O aluno 1 de 13 anos, confeccionou seu cartaz sozinho, no qual escreveu uma letra de Funk e desenhou um cifrão, algum cartaz de baralho e um diamante, todos elementos que estão presentes no universo deste ritmo, seja em clipes, correntes de outro ou prata e até mesmo nas tatuagens dos Mcs mais famosos.

Importante destacar que no dia da entrevista, o aluno 1 estava com alguns destes símbolos desenhados no braço, junto a outros elementos, os quais serão aprofundados ainda nesta seção e que nos possibilitaram conhecê-lo melhor, além disso, usava também um crucifixo branco no pescoço.

A entrevista foi dívida em quatro segmentos família, escola, relacionamento e indústria cultural. A princípio, não se pensou em pautar religião, no entanto, este tema surgiu muito forte nos dois alunos entrevistados. No começo da entrevista, perguntamos para o aluno sobre sua família, qual sua composição, como se relaciona com as pessoas que vive em sua casa, se costuma falar sobre tudo com eles. A composição familiar do aluno 1 não obedece ao padrão patriarcal, pai, mãe e filhos, ele mora com duas avós, seu padrinho, que considera como pai, sua irmã e duas primas. Sua mãe só é mencionada mais ao fim da entrevista. A relação com a família inicialmente é apresentada como positiva, o único impasse é quando o aluno bagunça na escola e seu namoro, o qual não é de conhecimento de sua família, com exceção de sua prima.

Enquanto nos conta um pouco como conheceu sua namorada, percebeu-se alguns desenhos em seu braço, quando perguntado de que se tratava, o aluno começou a nos contar sobre sua religião, o Candomblé, ele não afirma assim diretamente, antes de dizer que é do Candomblé, nos avisa que não se trata de uma religião cristã ou evangélica, foi possível notar, que com isso o aluno procurava perceber qual seria nossa postura frente a esta afirmação, como não demonstramos surpresa ou qualquer julgamento, ele prosseguiu seu relato. Alguns destes desenhos possuíam significado religioso, à medida que ia descrevendo-os, nos contava qual sua relação com a religião, além de também nos contar a história de alguns orixás e suas respectivas saudações, as quais eram ditas em Yorubá. Soubemos que se tratava desta língua, pois o próprio aluno nos contou, diz ter sido ensinado pela avó, com quem vai sempre ao terreiro, além do mais, o aluno também já passou pelo processo de iniciação do Candomblé, em que precisou ficar recolhido alguns dias e fez algumas marcas em seu corpo, chamadas de Yaô, as quais se relacionam com os africanos estabelecidos na Bahia. Tudo isso, quem nos contou foi o aluno, bem como, identificou também os preconceitos a que sua religião está submetida, demonstrando conhecer muito bem a história de sua religião, a força de resistência contida nela e a maneira como é tratada pela sociedade.

Todavia, estes preconceitos identificados pelo aluno aparecem não como estruturais de nossa sociedade, senão episódios de exceção, como se pode ver nos exemplos dados pelo mesmo: a destruição do terreiro de uma amiga de sua vó e até mesmo um único episódio na escola, em que uma menina o chamou de macaco. Ainda nesta história, ele nos conta que preferiu não contar para ninguém da escola, nem professores, nem inspetores, tentou solucionar sozinho a questão, chamando a menina de macaca também. Em sua fala, o aluno disse não suportar dois xingamentos: ser chamado de macaco e negão, pois, segundo ele, não é negro, e sim moreno.

Desta fala, é possível perceber uma forte contradição na construção da identidade do aluno 1, ao mesmo tempo em que se identifica com elementos da cultura negra, como religião e música (Racionais, Funk, entre outros), não se autodeclara negro, muito embora, qualquer outra pessoa que o veja, afirmaria o contrário.

A construção da identidade começa na mais tenra idade e é influenciada pelas relações que estabelecemos com o mundo e com a sociedade, desde familiares até os amigos da escola, professores, entre outros. Stuart Hall defende que a construção da identidade está sempre em processo, é dizer

ela nunca está totalmente definida, intacta, porém vai se formando a partir de nossas vivências. Desse modo, é essencial que pensemos como se dá o processo de construção da identidade em uma sociedade racista, como é o caso da sociedade brasileira, a qual o aluno 1 está inserido.

Freud, em seu texto A dissecção da personalidade psíquica, apresenta de maneira esquemática a divisão do aparelho psíquico em instâncias interdependentes, o autor cita o ambiente escolar na formação do superego. Em primeiro lugar, o superego se caracteriza como sendo responsável pelas funções de auto-observação, de consciência e de veículo do ideal do ego, pelo qual este se avalia constantemente. De acordo com o psicanalista, o superego "é para nós o representante de todas as restrições morais, o advogado de um esforço tendente à perfeição e é, em resumo, tudo o que pudemos captar psicologicamente daquilo que é catalogado como o aspecto mais elevado da vida do homem". Assim, ainda de acordo com o próprio autor, é com os pais e educadores que vemos nascer o superego que, por sua vez, se baseia no superego dos pais dos nossos pais e educadores. Dessa maneira, ao falarmos das regras sociais que compõem a nossa instância psíquica, fazemos referência à tradição e cultura na qual estamos inseridos.

Neste sentido, ainda que o aluno 1 tenha principalmente a influência da avó e do pai, como referenciais da cultura negra, uma vez que aquela o introduziu na religião Candomblé e este o apresentou ao grupo de rap Racionais, com fortes letras sobre a temática negra, o contexto brasileiro de embranquecimento e suposta democracia racial baseada na miscigenação em que se está inserido impõe-se, tornando-se mais fortes que estes referenciais familiares. Inclusive, porque não decorre da entrevista, vemos que as relações entre o aluno 1 e seus familiares passa por uma série de problemas, falta de diálogo, carinho, atenção, este, muitas vezes, afirma sentir que sua família não gosta dele e que seus amigos e sua namorada acabam ganhando espaço para dar conta da carência que sente.

O aluno 1 mostrou-se num grande dilema entre conhecer sua identidade, se autoconhecer e reconhecer os valores que acredita. Muitas vezes retoma sobre o valor da escola e de estudar, mas sempre admitindo que não estuda muito. O mesmo ocorre com a família, enquanto diz que gosta muito de sua prima, de sua avó e de seu pai, também revela uma grande revolta para com eles, pois não acredita que seu afeto seja recíproco. Problema este, que fica ainda mais latente com a mãe, a qual não mora com ele, conforme nos informa durante a entrevista, mas que agora tenta reaproximar-se do filho.

No que tange os problemas familiares do aluno e sua percepção de si mesmo, a escola não demonstra nenhuma intenção em modificar e problematizar estes aspectos. Mesmo que conste em seus documentos oficiais, o respeito às diversas culturas e crenças, algumas ainda se sobrepõem a outras. À professora M., nos revelou saber de alguns dos dilemas do aluno 1, secretou também que a maioria dos professores eram racistas, assim como propagavam outros tipos de preconceito, e que o aluno 1 costuma ser alvo de muitas piadas na escola, por sua religião e sua raça. Ela, por sua vez, tentava intervir sempre que possível, mas não encontra verdadeiro respaldo na Coordenação da escola, muitas vezes estes assuntos são tratados como problemas normais da adolescência. Por isso, ela, a professora de geografia e alguns poucos professores tentam sempre que podem fazer atividades, como a que foi feita na semana da Consciência Negra, ainda que esta funcione mais como medida paliativa.

A partir da entrevista com o aluno 1, verifica-se que a escola muitas vezes é mais um espaço de reprodução dos padrões sociais, contribuindo para as opressões das minorias (negros, mulheres e lgbts) e mantendo a desigualdade desses grupos, no lugar de problematizá-la e contribuir para o empoderamento individual e coletivo, gerando assim a emancipação desses estudantes, tornando-os sujeitos de si mesmos, capazes de se colocarem no contexto em que vivem. A não auto declaração em ser negro do aluno 1, é um exemplo da perversidade desta exclusão social, a qual está presente na escola. O fato de não conseguir reconhecer-se advém de uma série de problemas familiares, de representações da indústria cultural, entre outros, acarretando em vários impasses, como autoestima, desenvolvimento escolar e relacionamentos.

A escola, nesse contexto, necessita nadar contra a maré e não tratar os problemas raciais de maneira leviana. O racismo que existe na ofensa "macaco" está também na omissão da História Afro-brasileira, no não falar de auto declaração e dos processos de embranquecimento a que a sociedade brasileira foi submetida. Estes assuntos devem estar não somente nas aulas de história e sociologia, mas como prática política-pedagógica da escola, inclusive conscientizando toda a comunidade escolar, professores, direção inspetores, pais e alunos das diversas formas de racismo existentes hoje, desde o alisamento de cabelos até a intolerância religiosa. Não pôr este problema, como o de outras minorias, no centro das discussões pedagógicas, não é apenas omissão, senão principalmente perpetuar as desigualdades, comprometendo a construção identitária e a liberdade de cada aluno.

Aluno 2

Em relação à entrevista com o aluno 2 (ANEXO 9), podemos perceber algumas semelhanças com a primeira entrevista com o aluno 1, como por exemplo, a composição familiar fora do padrão esperado. Assim como no caso do aluno 1, o aluno 2 vive com o pai e a avó – o aluno menciona o seu gato como membro da família. O motivo pelo qual não vive com sua mãe não é mencionado na entrevista, contudo, quando perguntado se sua escola era perto de sua casa ele responde que "é perto, meu pai às vezes me traz, às vezes minha mãe", o que indica uma presença materna. Não sabemos, entretanto, se essa é sua mãe biológica ou se uma forma como ele chama e trata sua avó.

Esse fato remete a discussões recentes em torno no conceito de família. Recentemente, o Estatuto da Família, aprovado no dia 24 de setembro de 2015 na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados Federais, deverá seguir para apreciação na casa segundo os tramites regulares até a sanção ou não pela Presidência. O texto gerou debates e polêmica e define como família a "união entre homem e mulher por meio de casamento ou união estável, ou a comunidade formada por qualquer um dos pais junto com os filhos". Nesse caso, embora o caso de Rafael encaixe como "a comunidade formada por qualquer um dos pais junto com os filhos", excluí sua avó (e seu gato, que parece ser importante para o menino e que ele cita como membro de sua composição familiar).

A resposta do aluno à pergunta "o que sua família significa para você" tem como resposta "união, amor, essas coisas", demonstrando que os valores que constituem uma família para o garoto não coincidem, necessariamente, com os valores do discurso oficial e levantados pelo referido Estatuto. Entretanto, compreende-se que o tema não foi abordado diretamente e que a resposta do aluno é pouco profunda para que se possa tirar conclusões mais completas e precisas.

Em relação ao diálogo familiar o aluno afirma que conversa "sobre qualquer coisa", mas não especifica que mais do que isso. Considero que as resposta do aluno em questão, foi em sua grande maioria, impessoais e amplas, como se ele intencionalmente não quisesse dar detalhes mais íntimos e/ou pessoais sobre si mesmo.

No que tange a sua relação com a escola, o aluno afirma ser boa, que ele gosta de alguns funcionários e professores, contudo, as respostas são cheias de conjunções adversativas: "mas". Na última pergunta referente ao assunto ele termina com a seguinte sentença: "no meu projeto é mais legal".

O aluno 2 faz parte de um projeto social que envolve teatro, dança e atividades artísticas e culturais que, enquanto compunha seu cartaz (ANEXO 7), mostrou-se empolgado para falar dele – e falou bastante sobre. Há muitas referências em seu cartaz sobre esse "mundo artístico". O grupo ao qual o aluno pertencia quando pedimos para que fossem feitos os cartazes era composto por ele e mais duas meninas. Todas bastante tímidas. Mas ele parecia muito ativo e com vontade de fazer a tarefa. A maior parte dos elementos presentes em seu cartaz foi posto e feito por ele, que tomou um tipo de liderança na atividade. Há quatro imagens coladas em seu cartaz que remetem ao mundo artístico e teatral. Duas delas são de um famoso filme de produção americana baseado em um livro intitulado A culpa é das estrelas cujo o filme também recebe o mesmo nome. As outras duas são chamadas para peças de teatro: Hamlet ao molho picante e Memórias de um gigolô: o musical. Essa última referência pode indicar algo relacionado à sexualidade ou interesse nesse assunto, numa análise bastante superficial.

"<3 (coração desenhado) I love teatro", "I love music <3 (coração desenhado)", "<3 (coração desenhado) teatro", "<3 (coração desenhado) dança", "(símbolo de nota musical) music <3 (coração desenhado) (outro símbolo de nota musical)" foram as referências escritas diretas a seus gostos deixados em seu cartaz e feito pelo aluno que remetem à série de elementos tratados no parágrafo anterior.

Continuando a análise da entrevista, o próximo tema abordado foi preconceito na escola. Diferentemente, do aluno 1 que primeiramente respondeu "não" a mesma pergunta, a primeira respostada dada a essa questão pelo aluno 2 foi um "sim". Em seguida ele continua: "falar que a pessoa é gay, racismo também tem, se a pessoa é negra, mais dos alunos, os professores não...". Aqui há um indício interessante, ele não diz se foi ele quem foi alvo de preconceito. Ele diz de forma bastante impessoal "falar que a pessoa é gay", sem dizer que pessoa é essa. Mas ao mencionar o racismo também presente ele menciona "se a pessoa é negra", demonstrando, assim, no discurso que esse não é o seu caso. Seria então o primeiro um caso seu? Não conseguimos saber. Não foi aprofundada essa questão. No fim de sua resposta à pergunta ele termina com a seguinte frase: "Na minha sala mesmo, não é todo mundo que eu gosto, algumas pessoas fazem mal", sem mencionar, novamente se essas pessoas fazem mal a ele; o discurso é "fazem mal" de forma genérica e impessoal, sem indicar o alvo, objeto da ação. Mas, pela interpretação da resposta como um todo e a dinâmica que sua fala é construída, faz-nos considerar que ele foi alvo de preconceitos e, portanto, não gosta de "todo mundo" de sua sala.

O aluno 2 tem muitos sonhos. Diz que sonha em ser ator. Esse fato condiz com sua

vida fora da escola que ele constantemente reforça mencionando o projeto "no Sírio Libanês" o qual frequenta. Outras atividades fora da escola não são mencionadas explicitamente. A única outra informação a esse respeito é quando reponde "a gente gosta de fofocar mesmo, às vezes sai quando é aniversário" à pergunta sobre o que ele e seus amigos fazem para se divertir. Veja que ele não menciona onde vai, quando "sai quando é aniversário".

Quando perguntado se já ficou com alguém, se já namorou e se era alguém da escola, ele responde o seguinte: "Não. Ficar por um ano assim, não. Mas já beijei. Mas foi só um dia. Já gostei de várias gentes. Ainda gosto, mas não é correspondido. Faz tempo que a gente não se vê. Ela não tem Facebook. Ela era do projeto. Da escola nunca beijei."

Nessa resposta há alguns pontos interessantes. Primeiro, mostra que seu contato direto com uma sexualidade mais ativa ainda é pouco. Beijou apenas uma vez. Mas ele já tem consciência de seus gostos e desejos na medida em que diz que já gostou de várias "gentes". O uso desse substantivo é singular, ele não determina gênero e aponta para uma diversidade, uma variedade, pois está no plural. Em seguida, entretanto, ele usa um pronome no gênero feminino e atenta para o fato de não ser correspondido e não ter contato mais com essa pessoa. Sobre o beijo, num único dia, ele ressalta, não adentra em detalhes.

Seus gostos, com relação à indústria cultural, apontam para uma forte influência de produções estrangeiras, principalmente americanas. Quando questionado sobre seu gosto musical e artistas que escuta ele cita "Demi Lovato", "Katy Perry", "Nick Minaj" e "Fly" – as três primeiras são cantoras americanas e Fly é uma banda brasileira composta por três garotos. Os estilos musicais mencionados foram músicas eletrônica e pop. Outra marca de influência estrangeria é quando o aluno menciona que gosta de assistir seriados e que atualmente está acompanhando "The Big Bang Theory", uma série norte-americana centrada em um grupo de amigos cientistas rodeada de estereótipos do mundo "nerd".

Nessa parte da entrevista, espontaneamente, o aluno faz referência a sua religião: católica. Se autoafirmando assim. Faz referência a isso em três momentos distintos da entrevista: quando diz gostar da novela Dez mandamentos por ser católico, em resposta ao que costumava assistir na televisão; quando diz estar lendo um livro católico cujo título não se lembrava, ao ser questionado sobre hábitos de leitura; e no final da entrevista, quando posta coisas católicas nas redes sociais. O cartaz de seu grupo também contém referências religiosas como a frase "ser adolescente é amar a Deus sobre todas as coisas" ou "Deus é maior" ou ainda "eu amo Deus". Todas elas em bastante destaque no cartaz. A origem e o incentivo à prática e cultura religiosa não apareceram em sua entrevista. Não sabemos se é influência do pai, da avó, de ambos ou algo fruto da busca do próprio aluno.

Ele parece gostar muito das redes sociais. O que condiz com uma lista que ele mesmo fez de seus "youtubers" (denominação dada a pessoas que postam regularmente vídeos na rede de vídeos YouTube e fazem disso um tipo de atividade quase, e às vezes até mesmo, profissional) preferidos. O aluno 2 diz ter conta no Facebook, Instagram e Snapchat. Seu temperamento, como notado pessoalmente é bastante comunicativo e agitado. Na entrevista justamente, ele chega a dizer que seu pai diz que ele vai ser jornalista por gostar de falar. É, portanto, um garoto muito sociável.

Por fim, há uma citação curiosa. Quando questionado sobre drogas, ele diz que nunca fumou e que "acha uma coisa maluca", que quando crescer não quer nem usar cigarro, "só uma cervejinha". Aparece aqui um desejo pelo álcool, talvez pela imagem de sociabilidade que costuma trazer consigo ou a ajuda para "se soltar" e se divertir. No seu cartaz, há outro ponto curioso que parece fazer referência a esse: ele próprio escreveu, em caneta rosa, "um dia quero ir numa balada". Isso traz uma imagem de um garoto que quer crescer, soltar-se, desprender-se de certas restrições de sua idade e usufruir de um mundo adulto e independente. Um indício que reforça a visão da adolescência como um período de desejos conflitantes, na transição entre ser criança e ser adulto, na qual ainda perduram elementos da primeira, mas aparecem no horizonte, seja do desejo, seja das obrigações precocemente impostas, o mundo dos adultos.

CONCLUSÃO

Há semelhanças entre as entrevistas dos alunos 1 e 2. Ambos têm uma família não-nuclear e sem a presença da mãe, de acordo com a própria resposta dos garotos: ambos não moram com elas. Isso lança questionamentos acerca do papel dela na constituição do complexo de Édipo de ambos. A estrutura padrão do complexo descrita por Freud não consegue abarcar as diferenças e variações de constituição familiar encontradas hoje. Embora seu intuito fosse de construir uma universalidade, ela talvez não possa ser assim formulada, pois ignorava, seja devido aos limites de sua época, outras possibilidades de famílias e, portanto, de outros tipos de complexos ou ajustes na teoria original.

Mesmo sem o fato atual da existência de uma grande variedade de formas de família. A antropologia há quase um século já descrevia sobre outras formas de cons-

tituição familiar que não segue o padrão freudiano. As teorias de Freud têm um forte elemento evolucionista que condiz com os escritos antropológicos de sua época, mas que foram descartados e combatidos nas décadas seguintes. Então, a universalidade do complexo de Édipo não é tão universal assim. É centrado na história na formação social-familiar do ocidente e tomba com um etnocentrismo. Isso não quer dizer, também, que ela é inútil ou falsa, mas limitada. Há mais coisas e outras possibilidades envoltas nessa formação do indivíduo, seu ego, superego e id. Que foram muito bem expostas por Freud em sua época, mas que não pode ser utilizada sem cautela e perícia nos dias atuais.

O segundo ponto em comum entre as duas entrevistas é o aparecimento do fator "religião". A entrevista do aluno 1, como um todo, foi mais profunda, e ele pode então dar-nos muitos elementos a respeito dessa influência na sua vida. A entrevista com o aluno 2 não chegou ao nível de profundidade para sabermos como se dá realmente essa influência ou como ele teve contato com a religião (através de quem, por exemplo). Mas ambos a citaram espontaneamente e demonstraram que ela é substancial na sua vida e identidade.

A escola é portanto, um lugar no qual esses alunos convivem com a permanência de sistemas de opressão e qualificação e desqualificação por marcadores sociais da diferença (gênero, raça e sexualidade).

Contudo, os discursos de ambos se afastam quando se trata do consumo de produtos culturais (música, etc). O aluno 1 tem uma forte tendência a ouvir músicas brasileiras de forte influência negra: funk e rap (embora ambas tenham sua origem nas culturas negras norte-americanas), entretanto, também cita trecho de pagode. Rafael, por sua vez, apresenta mais fortemente influência de cantoras pop americanas, mas chega a citar uma banda nacional de garotos formada no mesmo estilo das antigas boybands americanas e atualmente muito popular entre os adolescentes. A matriz cultural racial parece ter influenciado nesses caminhos divergentes para ambos, mas estereótipos e marcadores sociais podem ter conduzido ambos para grupos que nutrem em seu interior gostos distintos e favorecido essa diferenciação. Os gostos, mesmos, que diferentes não perdem a influência da indústria de massas. Todas as referências citadas são bastante populares, embora em nichos diferentes.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Mônica do. O limite da fronteira freudiana. Revista Educação, 2006.

FREUD, S. "Conferência XXXI: A dissecção da personalidade psíquica (1933 [1932])." Edição standard brasileira das obras psicológicas completas (1976): 63-84.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. TupyKurumin, 2006.